

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO: UMA ABORDAGEM DO
CONTINUUM DE GÊNEROS TEXTUAIS JORNALÍSTICOS
PARA A DESCRIÇÃO DE NORMA(S)**

Lalia Crystian do Nascimento de Souza

Rio de Janeiro

2023

Agradecimentos

Eu tenho muito o que agradecer a Deus e a todas as pessoas que serão citadas aqui, principalmente se eu considerar minha trajetória acadêmica. Fui a primeira da família a acessar o ensino superior e, muitas vezes, a saída mais fácil era o abandono e o ingresso no mercado de trabalho. Felizmente, meus privilégios e o cuidado de Deus me permitiram continuar e hoje posso dizer para todas as gerações futuras da minha família que não é fácil, mas é possível.

Quero agradecer a minha mãe por ter sido a fortaleza que me sustentou e o exemplo de persistência e determinação. Também sou grata ao meu pai por sua preocupação diária e ajuda nos momentos difíceis. Agradeço aos meus irmãos por terem sido o apoio em casa e por muitas vezes me pouparem de tarefas domésticas quando a coisa na faculdade estava feia. A meus sobrinhos, eu agradeço por serem meus faróis e por me permitirem sentir tanto amor.

Agradeço também a meus amigos Carlos Eduardo Franklin, Lauana Azevedo e Luiz Felipe Medeiros por terem feito desses anos de graduação os melhores momentos que eu poderia ter. Vocês foram o suporte, o alívio e o companheirismo de que tanto precisava. Quero agradecer a meu amigo Gabriel Afonso por todas as idas e vindas desse lugar nada acessível que é o Fundão. Você transformava 2h em 15min e me fazia desejar repetir o deslocamento todas as vezes. Aos meus amigos Felipe Borges e Vitória Bloris pelo incentivo, pelo apoio e por toda escuta. Meus mais sinceros agradecimentos também a todos os meus amigos que não foram citados aqui, mas que sabem a base sólida que representam na minha vida.

Não posso deixar de agradecer a minha orientadora, Silvia Rodrigues Vieira, pelo privilégio de dividir a trajetória acadêmica com alguém tão competente e gentil. Seus conselhos sempre me motivaram e me desafiaram, sem nunca deixar de lado o cuidado na escolha de cada palavra. Agradeço, por fim, a Caroline Biazolli por aceitar a tarefa de fazer a leitura crítica desse trabalho. Eu tive o prazer de conhecê-la em Curitiba e não tenho dúvidas das pertinentes considerações que serão feitas.

Muito Obrigada!

RESUMO

Estratégias de relativização: uma abordagem do *continuum* de gêneros textuais jornalísticos para a descrição de norma(s)

O presente trabalho investiga as estratégias de relativização em diferentes gêneros textuais distribuídos em um *continuum* oralidade-letramento para se pensar, em última instância, no debate acerca da formulação de norma(s) de referência(s). Para tanto, considera o comportamento do fenômeno variável – se padrão (ex. O menino de que eu gosto), cortadora (ex.: O menino que eu gosto) ou copiadora (ex.: O menino que eu gosto dele). A partir de dados extraídos de um banco de dados organizado no âmbito do projeto *Pró-norma plural: do continuum fala-escrita para a norma-padrão*, verificou-se (i) a distribuição das variantes das estratégias de relativização nos gêneros textuais jornalísticos; e (ii) os condicionadores que afetaram as ocorrências. Assumem-se os pressupostos da Teoria de Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]), dos estudos de norma(s) (Faraco, 2008, 2015, 2020; Vieira; Lima, 2019) e das propostas de *continuum* para a descrição do quadro sociolinguístico do português brasileiro (Bortoni-Ricardo, 2004, 2005, Marcuschi, 2001, 2008; Lima, 2022). O *corpus* de análise foi constituído por 4 gêneros textuais do jornal O Globo, agrupados em porções do continuum: [+oralidade], com tirinha e entrevista; [central], com crônica, e [+letramento], com editorial. As ocorrências foram codificadas segundo o programa estatístico Goldvarb-X. A investigação buscou responder às seguintes perguntas: Como as estratégias de relativização se comportam em uma diversidade de gêneros textuais distribuídos em um *continuum* fala-escrita? Ocorre variação em diferentes pontos desse *continuum*? O gênero textual influencia a ocorrência das estratégias? O que o comportamento dos dados sugere sobre a norma-padrão socialmente idealizada para o domínio jornalístico? A análise do fenômeno a partir dos dados encontrados indicou que, nos contextos de registro de relativas não padrão cortadora, os gêneros se aproximaram de características [+orais], com tendência a [-monitoração], enquanto o contexto de [+letramento], com tendência a [+monitoração], foi categórico para a ocorrência da forma padrão, com total ausência para a variante não padrão cortadora. Sobre a porção [+central], houve um predomínio da forma padrão, com raros dados da variante não padrão cortadora. Soma-se aos resultados a ausência de variante copiadora em todas as porções. Os resultados sugerem (i) alto controle no uso das estratégias de relativização na escrita jornalística, no entanto, com espaço para a variação em determinados contextos sociocomunicativos; (ii) a produtividade do *continuum* oralidade-letramento para a descrição de usos das variedades cultas. Espera-se que este e trabalhos futuros possam contribuir com a ampliação do repertório linguístico do falante a partir de orientações normativas que acomodem flexibilidade e variação na(s) norma(s) de referência(s).

Palavras-chave: Variação. Estratégias de relativização. *Continuum*. Gêneros textuais. Norma.

ABSTRACT

Strategies of relativization: an approach to the *continuum* of journalistic textual genres for the description of norm(s)

This work investigates relativization strategies in different textual genres distributed along an orality-literacy continuum, ultimately aiming to contribute to the debate on the formulation of norm(s) of reference(s). To do so, it considers the behavior of the variable phenomenon – whether standard (e.g., *O menino de que eu gosto*), cutter (e.g., *O menino que eu gosto*), or copier (e.g., *O menino que eu gosto dele*). Using data extracted from a database organized within the scope of the project "Pró-norma plural: from the speech-writing continuum to the standard norm," the study examined (i) the distribution of variants of relativization strategies in journalistic textual genres and (ii) the conditioning factors that affected occurrences. The assumptions of the Theory of Variation and Change (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]), norm studies (Faraco, 2008, 2015, 2020; Vieira; Lima, 2019), and proposals for a continuum to describe the sociolinguistic framework of Brazilian Portuguese (Bortoni-Ricardo, 2004, 2005, Marcuschi, 2001, 2008; Lima, 2022) are embraced. The corpus of analysis consisted of four textual genres from the newspaper *O Globo*, grouped into portions of the continuum: [+ orality], with comic strips and interviews; [central], with chronicles; and [+ literacy], with editorials. Occurrences were encoded using the statistical program Goldvarb-X. The investigation sought to answer the following questions: How do relativization strategies behave in a variety of textual genres distributed along a speech-writing continuum? Is there variation at different points along this continuum? Does the textual genre influence the occurrence of strategies? What does the behavior of the data suggest about the socially idealized standard norm in the journalistic domain? The analysis of the phenomenon based on the data found indicated that, in contexts of non-standard cutter relative registration, genres approached [+ oral] characteristics, with a tendency toward [-monitoring], while the [+ literacy] context, with a tendency toward [+monitoring], was categorical for the occurrence of the standard form, with a total absence of the non-standard cutter variant. In the [+ central] portion, there was a predominance of the standard form, with rare occurrences of the non-standard cutter variant. Additionally, the results included the absence of the copier variant in all portions. The results suggest (i) high control in the use of relativization strategies in journalistic writing, however, with room for variation in certain sociocommunicative contexts; (ii) the productivity of the orality-literacy continuum for describing uses of cultivated varieties. It is hoped that this and future works can contribute to expanding the linguistic repertoire of speakers based on normative guidelines that accommodate flexibility and variation in norm(s) of reference(s).

Keywords: Variation. Relativization strategies. *Continuum*. Textual genres. Norm.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
2. AS ORAÇÕES RELATIVAS.....	7
2.1 Perspectivas das gramáticas tradicionais.....	8
2.2 Perspectivas das gramáticas descritivas.....	11
2.3 Perspectivas de estudos linguísticos.....	14
3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	17
3.1 Abordagem variacionista do fenômeno.....	17
3.2 Normas linguísticas.....	18
3.3 <i>Continuum</i> oralidade-letramento.....	20
4. METODOLOGIA.....	21
4.1 Descrição do <i>corpus</i>.....	21
4.2 Critérios de seleção dos dados.....	23
4.3 Descrição das variáveis.....	25
4.3.1 Variável dependente.....	25
4.3.2 Variáveis independentes.....	26
5. ANÁLISE E SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS.....	32
5.1 Panorama geral das estratégias de relativização no <i>corpus</i>.....	32
5.2 Análise das variáveis selecionadas.....	35
5.3 Observações acerca das variáveis não selecionadas.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

ESQUEMAS

Esquema 1 -	Acessibilidade dos sintagmas nominais.....	13
--------------------	--	----

FIGURAS

Figura 1 -	<i>Continuum</i> oralidade - letramento de gêneros jornalísticos.....	25
Figura 2 -	<i>Continuum</i> de gêneros jornalísticos com base em Lima (2022).....	31
Figura 3 -	Distribuição das variantes nos gêneros textuais.....	39

TABELAS

Tabela 1 -	Frequência das três estratégias de relativização ao longo dos períodos segundo Tarallo (1983).....	17
Tabela 2 -	Quantidade de textos usados na coleta.....	26
Tabela 3 -	Distribuição dos dados nos grupos das relativas oblíquas e não oblíquas....	36
Tabela 4 -	Distribuição das variantes no grupo das relativas não oblíquas.....	36
Tabela 5 -	Distribuição das variantes no grupo das relativas oblíquas.....	37
Tabela 6 -	Efeitos dos gêneros textuais sobre o uso da relativa cortadora.....	38
Tabela 7 -	Efeitos da função sintática do pronome relativo sobre o uso da relativa cortadora.....	40
Tabela 8 -	Efeitos das preposições sobre o uso da relativa cortadora.....	41

QUADRO

Quadro 1 -	Variáveis independentes analisadas.....	29
Quadro 2 -	Variáveis independentes selecionadas pelo Programa Goldvarb-X.....	38

INTRODUÇÃO

Na abordagem da Sociolinguística Variacionista, a língua é assumida como um sistema heterogêneo influenciado por fatores de natureza social e linguística. A partir desse pressuposto, assume-se que há uma intrínseca relação entre língua e sociedade, de modo que os usos linguísticos também são influenciados pelos diferentes contextos sociais. Sendo assim, os estudos variacionistas buscam observar o comportamento de determinado fenômeno linguístico, considerando não só fatores estruturais, mas também sociais que regulam seu uso e demonstram o caráter heterogêneo das línguas naturais.

Para o presente estudo, busca-se analisar, especificamente, o comportamento das estratégias de relativização em textos escritos da variedade culta brasileira, a partir de um *continuum* de gêneros jornalísticos distribuídos desde um polo de maior oralidade até um polo de maior letramento (cf. Bortoni-Ricardo, 2005) ou, em outra perspectiva, de um polo de maior concepção de fala até um polo de maior concepção de escrita (cf. Marcuschi, 2008). Essas fronteiras imaginárias estão interligadas devido à conexão estabelecida entre eventos de fala ou concepção oral e situações mais espontâneas e menos planejadas em relação ao uso da linguagem. Por outro lado, os eventos relacionados à escrita ou a concepção escrita estariam associados a um uso mais planejado e com maior monitoração no emprego de formas consideradas cultas.

Segundo o trabalho pioneiro de Tarallo (1983), as referidas estratégias constituem um fenômeno variável representado por uma variante padrão e pelas variantes não padrão cortadora e copiadora. A primeira diz respeito às orações relativas que explicitam as relações dos pronomes relativos e das preposições em relação às exigências morfossintáticas do verbo da oração encaixada (Ex.: *O menino de que eu gosto*); a segunda refere-se à estratégia construída com ausência da preposição regida pelo verbo da oração relativa (Ex.: *O menino que eu gosto*); por fim, a terceira estratégia é da oração relativa construída com a presença de uma forma pronominal correferente ao sintagma nominal relativizado (Ex.: *O menino que eu gosto dele*).

Na presente pesquisa, postulam-se as seguintes questões sobre o comportamento das estratégias de relativização em relação ao referido *continuum*:

- (i) Como as estratégias de relativização se comportam em um *continuum* fala-escrita? Ocorre variação em diferentes pontos desse *continuum*?
- (ii) O gênero textual influencia a ocorrência das estratégias?

- (iii) O que o comportamento dos dados sugere sobre a norma-padrão socialmente idealizada para o domínio jornalístico?

Utilizando o aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]); Labov, 1972, 2003), analisam-se dados do *corpus* organizado no âmbito do Projeto *Pró-norma plural: do continuum fala-escrita para a norma-padrão*, coordenado por Silvia Rodrigues Vieira e desenvolvido em equipe nacional. No Rio de Janeiro, o conjunto dos textos usados na coleta dos dados é proveniente da produção do jornal O Globo, devido a sua tradição no mercado jornalístico carioca e ao perfil de seu público, pertencente a certa elite socioeconômica e cultural.

Do conjunto de sete gêneros textuais que compõem o referido *corpus*, os quatro escolhidos neste trabalho para abranger os diferentes pontos do *continuum* foram os seguintes: crônica, editorial, entrevista e tirinha. Busca-se, assim, contribuir com o cumprimento dos objetivos gerais do Projeto, somando-se a presente investigação aos trabalhos em desenvolvimento, os quais visam a ampliar os resultados obtidos, primeiramente, por Lima (2022), acerca das formas de realização do objeto direto anafórico e da colocação pronominal. O conjunto das investigações poderá permitir, em última instância, o debate acerca do perfil da norma de referência¹ que inspira a escrita culta jornalística.

A hipótese geral que motivou a realização da referida pesquisa é a de que, embora determinada “norma-padrão”, em alguma medida inspirada na norma expressa em compêndios gramaticais tradicionais, sirva como modelo para expressões da modalidade escrita da língua, ela não acomoda um mapeamento de dados de usos considerados cultos a partir de estilos variados, que concedam espaço para a heterogeneidade linguística. Desse modo, defende-se, a partir de Faraco (2008; 2015; 2017) e de Vieira (2019a; 2019b), que sejam realizadas descrições variadas da escrita culta, sobretudo em gêneros textuais dos domínios jornalístico e acadêmico, a fim de que se atualizem as investigações sobre essa norma de referência considerando diversas modalidades. Além da hipótese geral, espera-se observar um comportamento das variantes sensível ao perfil dos gêneros textuais quanto a sua concepção e ao grau de atenção à escrita culta, isto é, formas não padrão ocorreriam em textos considerados mais orais e menos

¹ Vale acrescentar o uso intercambiável entre os termos “norma de referência” e “norma-padrão”, tendo em vista que a designação “referência” implica a existência de um padrão para cada contexto comunicativo em que o falante está inserido.

monitorados² e o uso da forma padrão seria favorecido por textos mais letrados e mais monitorados.

Dessa forma, a pesquisa assume como procedimentos metodológicos identificar e registrar as estratégias de relativização a partir da coleta em textos escritos do Jornal O Globo; codificá-las e tratá-las segundo o pacote de programas para análise estatística de regras variáveis, Goldvarb-X. A variável dependente (constituída pela variante *padrão* e as variantes não padrão *cortadora* e *copiadora*, como supracitado) é a forma pela qual a oração subordinada adjetiva se liga ao termo de natureza nominal antecedente. No que se refere às variáveis independentes, para as variáveis linguísticas serão observados os seguintes fatores: função sintática do termo antecedente, função sintática do pronome relativo, tipo de pronome relativo e tipo de preposição que rege o pronome relativo; já como variável extralinguística, o único fator controlado foi a identificação dos gêneros textuais³.

Desse modo, o presente trabalho, além de sua apresentação geral nesta introdução, estrutura-se em diversas seções para o cumprimento de seus propósitos. A Seção 2 descreverá a abordagem das estratégias de relativização a partir de compêndios gramaticais de orientação normativa (gramáticas tradicionais) e descritiva (gramáticas feitas por linguistas); além disso, fará uma breve revisão bibliográfica de estudos linguísticos sobre o tema. A Seção 3 apresentará os pressupostos teóricos que fundamentaram o estudo, como a Teoria da Variação e Mudança, em geral, e as propostas que serviram de base para o tratamento dos *continua* e da concepção de gênero textual adotada. Na Seção 4, será abordada a metodologia da pesquisa, incluindo o detalhamento dos fatores controlados em relação ao condicionamento da regra variável em análise. A Seção 5 apresentará e debaterá os resultados do tratamento dos dados linguísticos. Finalmente, a pesquisa se encerra com algumas considerações finais.

² Embora a concepção de modalidade se distinga claramente da concepção de monitoração estilística (há tanto textos orais quanto textos escritos mais ou menos monitorados), a hipótese deste trabalho é que, nos jornais, quanto maior a concepção de oralidade do gênero, menor é a monitoração em relação ao grau de formalidade pressuposto para a escrita culta; e quanto maior a concepção de escrita, maior é a monitoração em relação ao grau de formalidade pressuposto para a escrita culta.

³ Essa variável foi assumida como extralinguística tendo em vista a abordagem de Marcuschi (2008, p. 155) que reconhece os gêneros textuais a partir da estabilidade social que apresentam em situações comunicativas recorrentes. Assim sendo, mesmo concebendo que cada gênero tem estruturalmente uma composição própria, o critério de codificação foi prioritariamente extralinguístico (e não decorrente de uma análise linguística de cada texto): a própria consideração do espaço que os textos ocupam na organização das seções dos jornais. Vale destacar que a consideração desse espaço, no jornal, dialoga diretamente com as funcionalidades de determinado gênero, histórica e socialmente situado. Mais do que a forma, leva-se em consideração, neste estudo, a composição funcional dos gêneros analisados.

2. AS ORAÇÕES RELATIVAS

Esta seção possui a finalidade de abordar diferentes visões acerca das orações relativas e das estratégias de relativização; dentre elas, destacamos as principais contribuições de estudiosos em relação ao comportamento variável do fenômeno. Na Subseção 2.1, serão abordadas as perspectivas das gramáticas tradicionais. Na Subseção 2.2, serão tratadas as principais abordagens das gramáticas descritivas para a análise do fenômeno. Por fim, na Subseção 2.3, serão descritas as perspectivas de diferentes estudos linguísticos sobre o tema das estratégias de relativização.

2.1 Perspectivas das gramáticas tradicionais

Faz-se necessário abordar, inicialmente, as estruturas linguísticas que permitem o aparecimento das estratégias de relativização, isto é, do fenômeno variável discutido neste trabalho. Para isso, diferentes abordagens gramaticais tradicionais (cf. Rocha Lima, 2021 [1972], cf. Bechara, 2015 [1999], cf. Cunha e Cintra 2016 [1985])⁴ acerca das orações adjetivas serão apresentadas para tratar das estruturas que abarcam as estratégias de relativização.

Esse tipo de oração se comporta como adjunto adnominal ou aposto, interna ao sintagma nominal, assumindo o valor típico de adjetivo. Faz parte do que, em termos tradicionais, representa um período específico composto por subordinação, em que uma oração dependente se junta a um nome que integra a oração principal, ocupando a posição de modificador, a um só tempo sintático e semântico. De acordo com Rocha Lima (2021 [1972], p. 333), essas orações “[...] subordinam-se, portanto, a qualquer termo da oração anterior cujo núcleo seja substantivo, ou equivalente de substantivo.” (2021 [1972]).

(01) A água é um líquido **que não tem cor.** (Rocha Lima, 2021 [1972], p. 333)

Nota-se em (01) que a oração em negrito é uma oração subordinada adjetiva vinculada à oração principal e que exerce a função sintática de adjunto adnominal, visto que acrescenta informações mais complexas ao substantivo modificado “líquido”. Nesse sentido, a respectiva

⁴ Foram utilizadas as gramáticas feitas pelos principais filólogos da língua portuguesa e adotadas por aqueles que buscam conhecer a tradição descritiva tradicional para observar o pensamento normativo.

oração poderia ser substituída pelo vocábulo “incolor”, o que evidencia o valor de adjetivo que essas orações costumam assumir.

O gramático subdivide as orações subordinadas adjetivas em restritivas e explicativas quanto ao conteúdo que veiculam. As primeiras são aquelas que delimitam e restringem o conteúdo semântico do termo antecedente; é o que vemos em (02a). A oração em destaque “que se arrependem” delimita o conteúdo expresso pelo antecedente “pescadores”. Essa oração restringe o sentido do nome “pescadores”; não são todos os pescadores que alcançam o perdão de Deus, mas somente aqueles que se arrependem.

As orações subordinadas adjetivas explicativas, por outro lado, são aquelas que possuem o papel sintático-semântico de acrescentar uma informação ao termo antecedente, dando-lhe informações adicionais. É o que se observa em (02b), em que o fragmento “que é um poemeto épico” é um comentário acerca de “Vozes d’África”, acrescentando-lhe características não exigidas do ponto de vista sintático, mas importantes quanto ao valor explicativo que assumem, em termos semânticos:

(02)

- a) Os pecadores **que se arrependem** alcançam o perdão de Deus. (Rocha Lima, 2021 [1972], p.336).
- b) Vozes d’África, **que é um poemeto épico**, representa um alto momento da poesia brasileira. (Rocha Lima, 2021 [1972], p.337)

Segundo Rocha Lima (2021 [1972]), há, ainda, as orações que são encabeçadas por relativos que estão amalgamados com o termo antecedente a que fazem referência; são os *relativos condensados*. É o que se observa em (03), em que o pronome relativo *quem* representa, segundo o autor, a junção dos elementos *ninguém* e *que*:

(03)

- a) Não há **quem** dele se apiede. (Rocha Lima, 2021 [1972], p.337).
- b) Não há **ninguém que** dele se apiede. (Rocha Lima, 2021 [1972], p.337).

Outro gramático que se dedica à perspectiva tradicional das orações subordinadas adjetivas é Bechara (2015 [1999]). O estudioso expõe a definição por meio da equivalência

semântica e sintática que a oração adjetiva estabelece com o possível adjetivo correspondente. É que se percebe em (04):

(04)

- a) O aluno **que estuda** vence na vida. (Bechara, 2015 [1999], p. 483)
- b) O aluno **estudioso** vence na vida. (Bechara, 2015 [1999], p. 483)

Segundo Bechara (2015 [1999]), o pronome relativo, que ele denomina transpositor, é o responsável por levar o verbo da oração independente “o aluno estuda” a funcionar em um nível inferior e fazer a oração em que ele se encontra se comportar como adjunto adnominal do substantivo aluno. Ele afirma: “O transpositor relativo *que*, na oração subordinada, reintroduz o antecedente a que se refere e acumula também uma função de acordo com a estrutura sintática da oração transposta.” (2015 [1999], p. 484). No exemplo acima, o pronome relativo *que*, além de fazer referência ao nome “aluno”, também funciona como sujeito da oração relativa.

Bechara (2015 [1999]) também subdivide as orações adjetivas em explicativas e restritivas. As orações adjetivas explicativas modificam o antecedente na qualidade de um aposto, isto é, um comentário adicional, como se observa em (05a). Além das explicativas, há as orações adjetivas restritivas, que delimitam o antecedente a que a oração faz referência, como se nota em (05b). O gramático expõe a importância da vírgula na distinção dessas duas formas na modalidade escrita, em oposição à falada, que teria a diferença marcada por uma suposta “pausa” em relação ao antecedente (cf. Bechara (2015 [1999]), p. 485).

(05)

- a) O homem, **que vinha a cavalo**, parou defronte da igreja.
- b) O homem **que vinha a cavalo** parou defronte da igreja.

Cunha e Cintra (2016 [1985]) também abordam as orações adjetivas em seu compêndio gramatical do Português. Acerca das orações subordinadas adjetivas, eles expõem: “As orações subordinadas adjetivas vêm normalmente introduzidas por um pronome relativo, e exercem a função de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente” (2016 [1985], p. 615). No exemplo (06), a oração adjetiva depende do termo “Susana”, presente na oração principal:

(06) Susana, **que não se sentia bem**, estava de cama. (2016 [1985], p. 616)

Assim como os gramáticos supracitados, Cunha e Cintra (2016 [1985]) distinguem as orações adjetivas em restritivas e explicativas no que se refere à significação. As primeiras limitam o sentido expresso pelo termo antecedente (substantivo ou pronome) e “são, por conseguinte, indispensáveis ao sentido da frase” (p. 618), como se observa em (07a). As segundas, por outro lado, são responsáveis por esclarecerem o sentido expresso pelo termo antecedente e “não são indispensáveis ao sentido essencial da frase” (p. 618), como se percebe em (07b):

(07)

a) És um dos raros homens **que têm o mundo nas mãos**. (Cunha; Cintra, 2016 [1985], p. 618)

b) Tio Cosme, **que era advogado**, confiava-lhe a cópia de papéis de autos. (Cunha; Cintra, 2016 [1985], p. 618)

Como se pode observar, os gramáticos expostos nesta seção, expoentes da abordagem tradicional, não tratam das estratégias variáveis de relativização; devido a seu caráter normativo, esses compêndios não assumem o compromisso de apresentar formas que são válidas em diferentes contextos comunicativos. A próxima seção ampliará, então, o debate com perspectivas descritivas sobre o fenômeno em estudo.

2.2 Perspectivas das gramáticas descritivas

Em oposição às gramáticas tradicionais, as gramáticas descritivas buscam abordar os fenômenos linguísticos a partir de determinados usos efetivos da variedade em questão. Após uma revisão da literatura, foram observadas contribuições importantes acerca das orações relativas nas gramáticas descritivas de Castilho (2010) e de Mateus *et alii* (2003). Justifica-se a escolha dessas gramáticas descritivas por serem expoentes nos estudos do Português Brasileiro e Português Europeu respectivamente.

Castilho (2010, p. 366) caracteriza o processo de relativização como “o relacionamento de dois sintagmas nominais correferenciais”, isto é, a oração relativa une em uma mesma estrutura informações que estariam presentes em dois sintagmas nominais diferentes, como

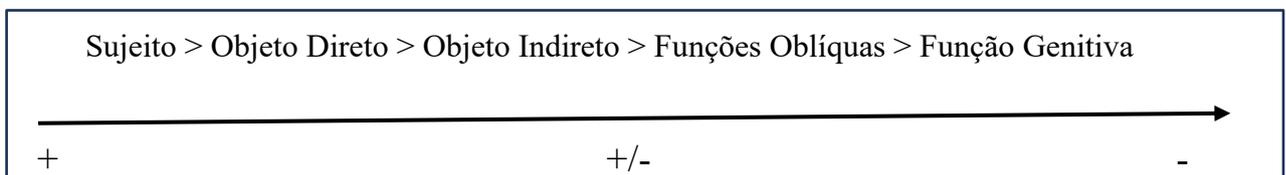
expresso no exemplo (08). Castilho (2010) afirma que as adjetivas ou relativas atuam como complementadores no sintagma nominal em que elas se encaixam.

(08)

- a) [O aluno atento] passa de ano. (Castilho, 2010, p. 366)
- b) [O aluno estudioso] passa de ano. (Castilho, 2010, p. 366)
- c) [O aluno atento **que é estudioso**] passa de ano. (Castilho, 2010, p. 366)

Acerca das estratégias de relativização, Castilho (2010) expõe a relação dessas estruturas com as diferentes funções sintáticas que o sintagma nominal assume. O autor, com base na proposta de Keenan e Comrie (1977), destaca a “Hierarquia de acessibilidade dos sintagmas nominais à relativização”, em que haveria a maior ocorrência de relativas à medida que a função sintática fosse mais acessível e mais recorrente, como seriam sujeito e objeto direto. Essa relação se estabelece tendo em vista a facilidade de processar informação nessas estruturas menos complexas.

Esquema 01: Acessibilidade dos sintagmas nominais segundo Castilho (2010)



Fonte: Adaptação de Castilho (2010, p. 368)

Castilho (2010) detalha as três estratégias de relativização. A sentença adjetiva padrão, em que os pronomes relativos seguem o caso que é recebido do verbo da oração encaixada, como se percebe nos exemplos em (09).

(09)

- (a) Devolvi o livro ao aluno **a quem ele pertencia**. (caso dativo, função de objeto indireto) (Castilho, 2010, p. 367)
- (b) Os painéis solares geram a energia **com que sempre sonhamos**. (caso ablativo, função de complemento oblíquo) (Castilho, 2010, p. 367)

Castilho (2010) também descreve a sentença adjetiva copiadora, estrutura em que, segundo o autor, o pronome relativo perde sua função dêitica e assume apenas um nexo de ligação entre orações, necessitando, dessa forma, de um pronome pessoal para fazer referência ao termo antecedente. O autor também apresenta a sentença adjetiva cortadora, em que ocorre o apagamento dos pronomes pessoais das estruturas copiadoras e da preposição exigida pela regência do verbo da oração subordinada. Essas sentenças podem ser observadas nos exemplos (10) e (11) respectivamente.

(10) Não há uma área em São Paulo **que a polícia não entre nela**. (Castilho, 2010, p. 367)

(11) Não há uma área em São Paulo **que a polícia não entre**. (Castilho, 2010, p. 367)

Mateus *et alii* (2003, p. 655) analisaram o Português Europeu (PE) e classificaram as orações relativas como aquelas iniciadas por morfemas-Q, os “pronomes”, “advérbios” ou “adjetivos relativos”. As autoras dividem as orações relativas em relativas restritivas ou determinativas e relativas apositivas ou explicativas. As primeiras referem-se às orações que contribuem com o sentido da expressão nominal antecedente, como se nota no exemplo (12); já as segundas são aquelas que exprimem um comentário sobre o sintagma nominal que as antecede, marcadas na escrita por meio de vírgulas, como ocorre no exemplo (13):

(12) Os chapéus **que estavam no armário** desapareceram. (Mateus *et al*, 2003, p. 655)

(13) Os teus primos, **que vivem na Califórnia**, chegam hoje. (Mateus *et al*, 2003, p. 671)

O compêndio trata, ainda, das orações relativas cujo articulador seria um pronome demonstrativo, estruturas que, para Mateus *et al* (2003, p. 681), seriam as orações relativas semilivres encabeçadas, principalmente, pela expressão “o que”, como no caso do exemplo (14). Essa estrutura seria interpretada como um complexo formado por um pronome demonstrativo e um pronome relativo. Além dessas, a gramática trata do caso das orações relativas apositivas de F (frase), que fazem um comentário acerca da afirmação anterior, como no exemplo (15), também na estrutura de um pronome demonstrativo junto com um pronome relativo:

(14) **O que aconteceu surpreende-me**. (Mateus *et al*, 2003, p. 682)

(15) Os amigos prepararam-me uma festa, **o que muito me espantou**. (Mateus *et al*, 2003, p. 674)

As autoras também expõem as orações relativas sem antecedente expresso ou orações relativas livres, aquelas em que o articulador pode ou não se ligar a um nome antecedente, definição similar à dos *relativos condensados*, de Rocha Lima (2021 [1972]). As orações relativas livres para Mateus *et alii* (2003) funcionariam como constituintes da oração superior, inclusive com sua função sintática própria:

(16) Recebi **quem tu recomendaste**. (Mateus *et al*, 2003, p. 675)

Além das relativas, as autoras também apresentam as estruturas que elas categorizam como construções de clivagem. Nessas estruturas, determinado constituinte da oração “é posto em destaque, ocorrendo ora à direita ora à esquerda de uma forma do verbo ser” (p. 685), como se vê no exemplo (17):

(17) Foi o **corvo** que comeu o queijo. (Mateus *et al*, 2003, p. 687)

Acerca das estratégias de relativização do PE, Mateus *et alii* (2003) trazem uma abordagem a partir da regra de movimento. As orações relativas se formariam a partir do movimento do morfema relativo para a posição de complementizador ou para a posição de especificador do complementizador. O processo de movimento é observado nas orações relativas comumente conhecidas como *padrão*, ou seja, aquelas que obedecem à regência do verbo da oração relativa, como se observa no exemplo (18).

Além da relativa padrão, a referida gramática também aborda as relativas *cortadora* e *copiadora*. A relativa cortadora não seguiria a regência do verbo e não seria formada pelo processo de movimento, como acontece na forma padrão, pois o articulador da oração relativa seria formado apenas pelo pronome relativo *que*, um elemento de ligação entre as orações, como ocorre no exemplo (19). No caso das relativas copiadoras, também não haveria o movimento e elas seriam formadas pela repetição do pronome referente na posição argumental da oração relativa respectiva, o que vemos no exemplo (20):

(18) O livro **de que te falei** é o mais bonito. - Relativa padrão. (Mateus *et al*, 2003, p. 667)

(19) O livro **que te falei** é o mais bonito. – Relativa cortadora. (Mateus *et al*, 2003, p. 667)

(20) [...] Temos aí mulheres a trabalhar as máquinas que acho **que essas devem receber mais do que aquelas**. – Relativa copiadora. (Mateus *et al*, 2003, p. 667)

2.3 Perspectivas de estudos linguísticos variacionistas⁵

Nesta seção, são apresentados, brevemente, apenas alguns estudos sociolinguísticos importantes para a descrição das estratégias de relativização no Português do Brasil, sobretudo para fundamentar a interpretação dos resultados no âmbito da escrita culta jornalística. Inicialmente, para se observar o comportamento do fenômeno a partir dos objetivos deste trabalho, serão apresentadas as primeiras investigações sobre o tema e, em seguida, uma investigação que expõe um panorama sobre a escrita culta brasileira⁶.

Mollica (1977) foi pioneira no assunto e investigou o uso das orações relativas em entrevistas de falantes cariocas, sem escolaridade, integrantes do Projeto Mobral⁷. A referida autora analisou as estruturas com a presença, como no exemplo (21a), ou com a ausência do pronome pessoal presente nas relativas copiadoras, cujo articulador exercesse função de sujeito, objeto direto ou objeto oblíquo, como no exemplo (21b).

Os resultados da pesquisa mostraram uma baixa frequência da estratégia copiadora em contexto não preposicionado; contudo, evidenciaram o caráter variável do fenômeno, tendo em vista a presença da forma não padrão cortadora em determinados contextos linguísticos, como aqueles em que o antecedente possui traços [- humano], [+ específico] e [+ coletivo], em oposição à forma não padrão copiadora, que seria favorecida em contextos com antecedente dotado de traços [+ humano], [- específico] e [- coletivo]:

(21)

a) O menino **que ele estuda** aprende. (Mollica, 1977, p. 25)

b) Os filmes **que gostamos [Ø]** são muitos. (Mollica, 1977, p. 25)

Tarallo (1983), em sua tese de doutorado, também apresentou resultados para os estudos linguísticos das estratégias de relativização. O autor faz um estudo sincrônico e analisa as

⁵ Vale detalhar que outros trabalhos serão relevantes para a análise dos resultados desta investigação (Corrêa 1998; Bispo 2009); contudo, esta seção inicial limitou-se à apresentação de trabalhos variacionistas, a fim de sistematizar o comportamento de dados do Português

⁶ Outro trabalho de foco similar foi o de Gouvêa (1999), que analisou três gêneros da escrita culta jornalística do PB: editorial, artigo de opinião e crônica.

⁷ Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização

estruturas relativas presentes em entrevistas produzidas por falantes de diferentes classes sociais e diferentes faixas etárias, durante os anos de 1981 e 1982. Foram entrevistados 20 informantes de classe social baixa, 10 informantes da classe social média e 10 informantes da classe social alta; em cada classe, metade dos informantes tinha idade abaixo de 35 anos e a outra metade, idade acima de 35 anos. As entrevistas ocorreram com diferentes graus de formalidade e estilo, variando entre o mais espontâneo e o mais monitorado.

Em relação à classe social baixa, pode-se observar a ocorrência de 76.5% de orações relativas padrão, 11% de orações relativas copiadoras e 12.4% de orações relativas cortadoras. No grupo de dados da classe média, 74.1% dos dados são formados pela variante padrão, 7.9% pela variante copiadora e 18% pela variante cortadora. No grupo da classe social alta, havia 74.7% de orações relativas padrão, 6.3% de orações relativas copiadoras e 19% orações relativas cortadoras. Os resultados do estudo de Tarallo (1983) indicaram alta produtividade das orações relativas padrão com distribuições diferentes nas classes sociais, mas com realização, em graus variados, das demais estratégias.

Em um estudo diacrônico, Tarallo (1983) formou um *corpus* com textos de diferentes épocas, todos entre os séculos XVIII e XIX, dividindo-os em quatro períodos de tempo iguais a partir da primeira metade do século XVIII até a segunda metade do século XIX. Os resultados da análise do *corpus* podem ser observados na Tabela 1:

Tabela 1: Frequência das três estratégias de relativização ao longo dos períodos segundo Tarallo (1983)

	1ª metade XVIII	2ª metade XVIII	1ª metade XIX	2ª metade XIX	Total
Padrão	383 (95,7%)	384 (96,0%)	385 (96,9%)	254 (67,1%)	1406
Copiadora	16 (4,0%)	12 (3,0%)	9 (2,6%)	19 (5,0%)	56
Cortadora	1 (0,3%)	4 (1,0%)	6 (1,5%)	106 (27,9%)	117
Total	400	400	400	379	1579

Fonte: Tarallo (1983, p. 206)

Os resultados obtidos por Tarallo (1983) foram fundamentais para os estudos das estratégias de relativização, por mostrarem as mudanças ocorridas nos usos das variantes ao longo dos anos na escrita do Português no Brasil.

Além desses estudos pioneiros, cabe, aqui, considerando os objetivos específicos do presente trabalho, observar os resultados de investigações relativas à modalidade escrita. Nesse sentido, uma análise linguística produtiva para o avanço dos estudos sobre as estratégias de relativização na modalidade escrita foi a realizada por Santos (2013), que expôs o comportamento do fenômeno na escrita jornalística brasileira. A autora observou um *corpus* formado por 150 textos retirados de 15 exemplares do Jornal O Globo. Os textos subdividem-se representando os gêneros textuais editorial, artigo de opinião, crônica, notícia, carta de leitor e anúncio de jornal. A investigação forneceu 253 orações relativas, com 59,5% de orações relativas não preposicionadas e 40,5% de orações relativas preposicionadas. Dentro do grupo das orações preposicionadas, 95,1% representavam a relativa padrão e 4,9% a relativa cortadora. É interessante destacar que o conjunto de relativas não padrão do *corpus* de Santos (2013), apenas 5 dados no total, ocorreu no gênero anúncio de jornal – gênero que tem características próprias do perfil de oralidade. Esse resultado geral sinaliza a clara preferência da variante padrão na escrita culta do PB.

Os estudos e as pesquisas supracitados, embora demonstrem o caráter variável das estratégias de relativização, detalham fatores que condicionariam o uso de determinadas variantes a determinados contextos linguísticos e sociais bastante específicos. Desse modo, revela-se fundamental a análise do fenômeno a partir da Teoria da Variação e Mudança, de Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972], 2003), tendo em vista a produtividade da abordagem variacionista para se pensar as normas de prestígio que cercam os usos linguísticos considerados cultos. Na próxima seção, serão abordados, então, aspectos teóricos basilares para o desenvolvimento deste trabalho.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Na elaboração deste estudo, usaremos, para sustentar a interpretação dos resultados, os seguintes aportes: (i) a Teoria da Variação e Mudança linguística, para o tratamento teórico-metodológico da regra variável das estratégias de relativização; e (ii) as propostas para a interpretação da norma culta jornalística a partir de um *continuum* oralidade-letramento (Bortoni-Ricardo, 2005) e a partir da concepção de gêneros textuais que são distribuídos no *continuum* fala-escrita (Marcuschi, 2008). Com base em tais fundamentos, que sustentam a análise de dados, pretende-se fundamentar o debate acerca do tema da norma linguística (Faraco, 2008) desenvolvido a partir da presente investigação.

3.1 Abordagem variacionista do fenômeno

Para o andamento desta pesquisa, adotam-se, conforme já se afirmou, orientações teórico-metodológicas da Teoria da Variação e Mudança, também conhecida como Sociolinguística Laboviana ou Quantitativa (Weinreich; Labor; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]). Nessa perspectiva, a língua é vista como um sistema variável cuja heterogeneidade é ordenada e inerente ao sistema, além de condicionada por diferentes fatores.

Assim, a referida linha de pesquisa postula uma intrínseca relação entre língua e sociedade, de modo que os fenômenos da língua são descritos a partir de suas diversas possibilidades de realização, condicionados a fatores linguísticos e extralinguísticos. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), pioneiros nos estudos sobre a Teoria da Variação e Mudança linguística, as variantes podem conviver por tempo indeterminado, resultando em variação estável, ou podem competir por espaços até que se resulte em uma substituição de uma variante pela outra, acarretando, desse modo, uma mudança. Dessa forma, os autores postulam que a mudança linguística pressupõe variação; porém, o contrário nem sempre é verdadeiro.

Pela relação direta entre língua e realidades históricas e sociais, a Sociolinguística Variacionista considera quais fatores influenciam a ocorrência de determinados fenômenos linguísticos. No que se refere à abordagem quantitativa dos resultados, o conjunto de fatores condicionadores do uso de uma forma configura as variáveis independentes, e o fenômeno variável analisado, por sua vez, constituído de formas alternantes ou variantes, corresponde, em

termos matemáticos, à variável dependente – aquela que se ajusta ao efeito dos fatores independentes controlados.

Considerando diversas análises de ordem sociolinguística, Labov (2003) apresenta três tipos de regras para o funcionamento do sistema linguístico. Segundo o autor, a frequência de uso de cada variante vai definir as características quantitativas e qualitativas do fenômeno estudado e vai distingui-lo em categórico, semicategórico ou variável. Na regra categórica, a variante se manifesta com 100% de uso; na regra semicategórica, a frequência da variante é entre 95-99% de uso; e para se manifestar como regra variável, a variante tem sua frequência de uso entre 5-94%, ou seja, representa uma alternância mais produtiva em termos quantitativos e mais variável em termos qualitativos (cf. Vieira; Brandão, 2014). Vale ressaltar que a presente pesquisa, considerando a observação de trabalho anterior, tem como hipótese que se efetivaria, no conjunto de textos da escrita jornalística, uma regra semicategórica de realização da estratégia padrão para o fenômeno das estratégias de relativização.

A língua, na perspectiva da teoria variacionista, é assumida como um sistema ordenado e mutável, de modo que a mudança linguística é possível de ser descrita sistematicamente. Na obra inaugural da Teoria da Variação e Mudança, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) descrevem cinco problemas empíricos da mudança, a saber: restrições, transição, encaixamento, avaliação e implementação. O problema da restrição refere-se aos fatores sociais e linguísticos que condicionariam o uso linguístico e se direcionariam para uma possível tendência. O problema de transição diz respeito à transferência de dados linguísticos entre gerações ou entre grupos em uma mesma época. Diferentes variantes de uma variável podem coexistir harmonicamente durante muitos anos; no entanto, há casos em que a forma inovadora substitui a forma antiga gradativamente e resulta em uma mudança linguística. O problema de encaixamento, como o próprio nome sugere, se reflete na maneira pela qual o fenômeno adentra na estrutura social e na estrutura linguística, assim como o direcionamento na mudança e as relações que esse fenômeno estabelece com outros fenômenos. O quarto problema, o da avaliação, diz respeito à apreciação subjetiva do falante diante das formas linguísticas em variação, reflexo, geralmente, de uma avaliação social. Por fim, o problema da implementação refere-se à maneira pela qual a estrutura linguística de diferentes comunidades se altera e se relaciona com o processo de mudança.

Na presente pesquisa, revela-se primordial, em relação à análise dos dados, o problema da restrição, tendo em vista o objetivo de investigar fatores condicionantes no uso das estratégias de relativização. Importante destacar que o objeto de estudo não recai especificamente sobre a mudança linguística, mas na observação da realidade do PB na

modalidade escrita culta; no entanto, não se exclui a relevância dos outros problemas empíricos, que indiretamente afetam o comportamento dos dados e a interpretação dos resultados.

3.2 Normas linguísticas e os *continua* de variação linguística

Entender a questão das normas linguísticas é fundamental para uma devida compreensão de como se estruturam os preceitos normativos sobretudo quanto à modalidade escrita do Português Brasileiro, principalmente a partir das concepções de norma culta e norma-padrão, termos caros aos estudos sociolinguísticos e para o desenvolvimento deste trabalho.

Faraco (2008), um dos estudiosos da descrição das normas do Português Brasileiro⁸, discute as definições desse tema, além de apresentar os diferentes significados que as conceituações assumem e as inconsistências que as cercam. O autor, na obra “Norma culta brasileira: desatando alguns nós” (2008), apresenta as perspectivas do tema a partir de dois sentidos que podem ser assim percebidos: da realização e da idealização.

O plano da realização estaria atrelado ao uso considerado normal em uma dada comunidade e estaria associado à chamada “norma culta”, variedade (ou conjunto de variedades) que possui prestígio social por representar “um conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita” (p. 71). Devido a seu valor sociocultural, a norma culta é assumida, muitas vezes, como a única variedade “correta” e “verdadeira”, discriminando-se todas as variedades que se distanciam desse uso; no entanto, essa valorização é um reflexo social e não possui relação com os aspectos estruturais da língua, tendo em vista que toda forma linguística possui sua complexidade e é igualmente legítima.

Esse sentido da idealização estaria atrelado ao aspecto normativo, isto é, o controle dos falantes a partir da concepção de uma norma. Nesse sentido, essa concepção está associada ao que se identifica tecnicamente como “norma-padrão”, que representa “um construto sócio-histórico que serve de referência para estimular um processo de uniformização” (p. 73). Desse modo, a “norma-padrão” é vista como a representante dos usos preferenciais a partir da avaliação subjetiva do falante; contudo, a formação do Brasil como nação e suas condições histórico-sociais influenciaram a adoção de uma “norma-padrão” distante até mesmo da

⁸ Vale acrescentar importantes contribuições de diversos sociolinguistas (Lucchesi, 2012 [2002]; 2015; Bagno, 2001, 2003, dentre muitos outros) para o debate do tema da norma. Nesse sentido, destaca-se, aqui, o trabalho de Lobo e Lucchesi (1988) no que se refere ao pioneirismo acerca da dicotomia entre norma culta e norma-padrão. Contudo, devido à limitação deste trabalho, foram priorizados os estudos mais recentes de Faraco (2012 [2002], 2008, 2015), considerando haver uma sistematização dos fundamentos relevantes para o presente trabalho.

variedade culta da época. Houve um esforço por parte da elite brasileira de se aproximar de usos lusitanos; no entanto, vale acrescentar que os modelos seguidos foram os usos literários do contexto do Romantismo, ou seja, a norma-padrão brasileira não representava nem a língua de Portugal da época.

Esse construto distante de variedades da época, que possuía um projeto padronizador no século XIX, fracassou e deu lugar para bons gramáticos representantes da atitude normativa, que buscam descrever os usos cultos dando espaço tanto para o aspecto conservador da língua, quanto para a flexibilidade. No entanto, perduram, atualmente, condenações arbitrárias sem respaldo nos fatos ou em boas gramáticas; essa atitude se materializa na chamada “norma curta” e perpetua, de acordo com Faraco (2008, p. 92), “uma nociva cultura do erro e tem impedido um estudo adequado da nossa norma culta/comum/standard.” Esse discurso dogmático representa um atraso para a descrição da norma culta e da norma-padrão por apresentar uma visão limitada e errônea dos usos linguísticos.

A delimitação dos conceitos de normas é fundamental para o desenvolvimento deste estudo, tendo em vista o objetivo de descrever a norma escrita culta brasileira para o estabelecimento de uma norma-padrão que permita a existência de flexibilidade.

Para dar conta da complexa e diversificada realidade sociolinguística do PB, Bortoni-Ricardo (2004, 2005) propõe os *continua* de variação linguística. Nessa abordagem, a autora apresenta o *continuum* rural-urbano, o *continuum* oralidade-letramento e o *continuum* de monitoração estilística para se entender a concepção de variação linguística. Todas essas linhas imaginárias dividem as variedades linguísticas em porções que vão de um extremo ao outro, sem demarcações rígidas entre elas. Essa proposta de análise decorreu da necessidade de se observar as distinções que marcam as variedades linguísticas:

[...] não se reconheciam as características comuns às diversas variedades e misturavam-se critérios analíticos, não se fazendo distinção entre variedades regionais, socioletais ou até mesmo funcionais. Ademais, não se levavam em conta características distintas das modalidades oral e escrita e dos gêneros discursivos. (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 39)

Para o presente trabalho, o *continuum* oralidade-letramento e o *continuum* de monitoração estilística são por demais relevantes, embora não seja possível excluir a intrínseca relação que os *continua* estabelecem entre si. O primeiro diz respeito à linha imaginária “cujos polos são construídos, respectivamente, por práticas sociais de oralidade e práticas sociais de letramento.” A autora apresenta a relação que existe entre a padronização da língua e os domínios sociais marcados por eventos da fala ou da escrita, de modo que, em contextos de

maior letramento, o falante apresenta um “linguajar mais cuidado”. O segundo *continuum* refere-se ao planejamento e à atenção dada à fala em contextos de interação. Em situações espontâneas, o falante faz um uso menos planejado da língua, em oposição aos contextos monitorados, que exercem uma pressão maior sobre quem fala e causam, conseqüentemente, uma maior atenção dada ao uso linguístico.

Esses *continua* são fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa tendo em vista o objetivo de descrever o comportamento de gêneros textuais que reflitam eventos da oralidade e do letramento, assim como aqueles que mesclam características de ambos. Essas linhas imaginárias são correlatas tendo em vista a relação estabelecida entre eventos da fala ou eventos de concepção oral com situações mais espontâneas e menos planejadas no que se refere aos usos linguísticos. Por outro lado, os eventos da escrita ou de concepção escrita estariam relacionados a um uso mais planejado e de maior monitoração quanto ao emprego das formas tomadas como cultas e formais.

Como se observa, os *continua* apresentam uma tendência de uso da língua a partir de características associadas a eventos da oralidade/menor monitoração e a eventos da escrita/maior monitoração. Essa tendência é possibilitada pelos gêneros textuais, entidades que, embora sejam objeto de estudo de diferentes teorias, podem ser apresentados nesta pesquisa segundo a concepção de Marcuschi (2001, 2008), ancorada, por sua vez, na proposta bakhtiniana. Desse modo, os gêneros são considerados “textos materializados em situações comunicativas recorrentes” (Marcuschi, 2008, p. 155) e, assim, podem ser reconhecidos a partir de seu conteúdo, função, estilo e composição, tendo em vista a estabilidade social que apresentam. Nessa perspectiva, os gêneros textuais vão além das características estruturais que apresentam e são “forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.” (Marcuschi, 2008, p. 154).

Em termos gerais, a presente pesquisa propõe colaborar com a atualização do mapeamento sociolinguístico no âmbito das estratégias de relativização em um *continuum* de gêneros textuais, produtivo para observar a variação linguística no âmbito da modalidade escrita do PB. Objetivamos, assim, averiguar a hipótese de que haveria comportamentos distintos das variantes em análise em textos mais orais e menos monitorados, em comparação com textos mais letrados e mais monitorados. Com base na descrição dos resultados da norma culta na modalidade escrita, outra contribuição deste estudo diz respeito à oferta de fundamentos empíricos para o debate e a formulação de uma norma de referência flexível, que contemple os diferentes usos a partir dos contextos sociocomunicativos envolvidos.

4. METODOLOGIA

Nesta seção, serão detalhados os aspectos metodológicos, concernentes ao *corpus* analisado, à seleção dos dados, referentes à regra variável em estudo, e à descrição das variáveis independentes adotadas, acompanhadas das hipóteses da pesquisa.

As etapas do estudo sociolinguístico desenvolvidas na investigação foram as seguintes: (i) determinação da variável dependente, isto é, as estratégias de relativização na modalidade escrita jornalística no Português do Brasil; (ii) coleta de dados do fenômeno estudado no *corpus* analisado; (iii) definição das variáveis independentes que condicionariam as ocorrências das variantes; (iv) codificação dos dados segundo essas variáveis e (v) análise quali-quantitativa das ocorrências com base em rodadas do Programa Goldvarb-x.

As subseções seguintes abordarão a descrição do *corpus* investigado (Seção 4.1), os critérios de seleção dos dados coletados (Seção 4.2), e, por fim, a descrição da variável dependente e das variáveis independentes (Seção 4.3).

4.1 Descrição do *corpus*

Para a análise das estratégias de relativização nos gêneros textuais na modalidade escrita do Português do Brasil, foram observados 583 textos do domínio jornalístico extraídos do jornal O Globo. Esse *corpus*, conforme já se anunciou, foi proposto no âmbito do projeto *Pró-norma plural: do continuum fala-escrita para a norma-padrão*, coordenado por Silvia Rodrigues Vieira, que possui como objetivo descrever a heterogeneidade da norma culta brasileira de modo a fundamentar o debate (Cf. Vieira, Lima, 2019) acerca do estabelecimento de uma norma-padrão ou norma de referência (Faraco, 2008; 2015; 2017; Vieira, 2019a, 2019b).

Dando continuidade a uma versão preliminar de organização de banco de textos jornalísticos (construída como parte das atividades de uma disciplina do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da UFRJ), Lima (2022), no âmbito das atividades de sua tese de doutoramento, organizou especificamente a Amostra Rio de Janeiro. O *corpus* investigado é composto por um conjunto de textos publicados no intervalo de 2018 a 2020, distribuídos pelos gêneros textuais da seguinte forma:

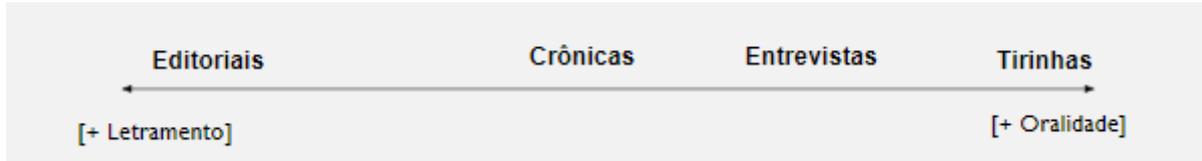
- a) 36 artigos
- b) 271 cartas de leitor
- c) 36 crônicas

- d) 45 editoriais
- e) 22 entrevistas
- f) 45 notícias
- g) 480 tirinhas

A diferença quantitativa de textos justifica-se pelo fato de que se utilizou, como critério de uniformização do *corpus*, o número de vocábulos formais, de modo que se estabeleceu o limite de cerca de 20.000 palavras/gênero. Eles foram publicados na versão impressa em um acervo digital criado pelo Grupo Globo, com a finalidade de abranger todas as edições publicadas. A escolha do respectivo jornal se deu pela sua tradição no mercado jornalístico carioca e pelo seu público pertencente à certa elite socioeconômica e cultural, visto que o objetivo central do trabalho é observar as normas de prestígio e seu comportamento no que se refere ao fenômeno variável analisado.

A escolha dos gêneros descritos embasou-se, conforme já se descreveu, na proposta de Marcuschi (2008) e Bortoni-Ricardo (2005) acerca dos *continua* propostos para a abordagem das modalidades escrita e oral. Neste trabalho, para a análise do fenômeno em questão, realizou-se a escolha de quatro gêneros, a partir da abordagem do *continuum* proposto por Lima (2022). A autora baseou-se na proposta de Marcuschi (2001, 2008) acerca da concepção oral e concepção escrita de produção de cada texto. O posicionamento dos gêneros, no *continuum* proposto, se deu após uma criteriosa análise das sete características situacionais dos gêneros textuais a partir de estudos de Biber e Conrad (2009) e das propostas sobre *continuum* de Biazolli (2016) e Vieira e Lima (2019).

Desse modo, foram escolhidos os gêneros crônica, editorial, entrevista e tirinha, tendo em vista a posição prototípica que cada gênero assume na representação das características das porções desse *continuum* oralidade-letramento, como podemos ver na Figura 1. As tirinhas e os editoriais assumem as posições mais extremas, respectivamente, da oralidade e do letramento, de modo que é possível traçar uma análise comparativa entre esses dois gêneros. Já as crônicas e as entrevistas expõem as características da posição tomada como intermediária no referido *continuum*.

Figura 1: *Continuum* oralidade - letramento de gêneros jornalísticos

Fonte: Recorte do *continuum* oralidade-letramento elaborado por Lima (2022)

Após a seleção dos textos, ocorreu a coleta das orações relativas cuja organização ocorreu com o auxílio do programa Excel. A Tabela 2 expõe a quantidade de textos analisados neste trabalho.

Tabela 2: Quantidade de textos usados na coleta

Gêneros Textuais	Quantidade
Editorial	45
Crônica	36
Entrevista	22
Tirinha	480
Total	583

Fonte: elaboração própria

4.2 Critérios de seleção dos dados

Durante a coleta, as orações relativas registradas foram as prototípicas, isto é, aquelas em que o antecedente retomado é expresso e de natureza nominal. Outras orações foram retiradas dos dados analisados, como as orações relativas livres (22), as orações relativas que retomam um conteúdo frásico (23a-c) e também as estruturas clivadas (24). Os exemplos abaixo permitem ampliar as discussões sobre essas estruturas.

(22) E é ele, e não a mulher, **quem será punido no final**. (Crônica 13)

No exemplo acima, há uma relativa livre em (22), de acordo com os estudos feitos por Mateus et alii (2003) e Rocha Lima (2021[1972]), pois a oração relativa se liga a um termo antecedente não expresso.

- (23) a) Em dezembro de 2018 foram registradas 974 tentativas de feminicídio, **o que representa aumento de 78% em relação ao mesmo mês do ano anterior.** (Editorial 12)
- b) Aparentemente, esse modelo equivocado foi replicado por sucessivos governos, **o que explicaria o atual desequilíbrio do sistema.** (Editorial 20)
- c) Mourão, na resposta, disse preferir confiar no discernimento do comando militar. **O que é inaceitável na democracia.** (Entrevista 03)

Nesses casos, o pronome demonstrativo “o” faz referência ao conteúdo frásico anterior e a oração relativa refere-se a esse pronome; seria a chamada oração relativa semilivre de acordo com Mateus *et alii* (2003) e Rocha Lima (2021 [1972]). Houve ocorrências dessa estrutura nos diferentes gêneros textuais, o que indica uma necessidade de, em pesquisa futura, observar particularmente esses casos, pouco abordados, por exemplo, pelas gramáticas tradicionais, que falam muito pouco sobre esse arranjo.

- (24) Mas não vai ser aqui **que um homem e uma mulher serão espinhafrados** por, ao jeito deles, tão 2019, partirem com urgência para o abraço e todo o mistério de suas posteriores. (Crônica 21)

Estruturas de clivagem, como a do exemplo acima, são específicas por realçarem o conteúdo de quaisquer constituintes de uma oração; deste modo, também não são consideradas, nesta investigação, no tratamento de orações relativas.

Assim, as estruturas citadas (relativas livres, semilivres e clivadas) foram desconsideradas do *corpus* devido ao caráter variacionista assumido neste trabalho. Buscou-se, assim, analisar formas alternantes comparáveis, com o mesmo valor de verdade e nos mesmos contextos, conforme o perfil esperado de uma regra variável; contudo, não se nega a importância de abordar essas estruturas em trabalhos futuros.

4.3 Descrição das variáveis

Nesta seção, serão abordadas a variável dependente e as variáveis independentes investigadas.

4.3.1 Variável dependente

As estratégias de relativização constituem o fenômeno investigado nesta pesquisa, e elas estão relacionadas à maneira pela qual a oração subordinada adjetiva se liga ao termo de natureza nominal antecedente. Há a variante *padrão* (25) e as variantes não padrão *cortadora* (26) e *copiadora* (27).

(25) “O menino **de que eu gosto** estava lá.” (exemplo adaptado pela autora)

(26) “O menino **que eu gosto** estava lá.” (Tirinha 218)

(27) “O menino **que eu gosto dele** estava lá.” (exemplo adaptado pela autora)

O grupo das orações relativas presentes no *corpus* foi dividido em dois: orações relativas oblíquas e orações relativas não oblíquas. No grupo das orações relativas não oblíquas, ou chamadas de orações não preposicionadas, há as orações em que o pronome relativo exerce função sintática de sujeito, objeto direto e predicativo do sujeito; nesses casos, a variação só ocorre entre as variantes *padrão* e não padrão *copiadora*. Nos exemplos abaixo, apresenta-se uma oração para cada função sintática desse grupo:

(28) a) “E ela, é claro, é a DJ sommelier **que vai harmonizar a situação com a sua música.**” (oração relativa não oblíqua com relativo na função de sujeito – Crônica 11)

b) “Os oficiais queriam a prova do contrato do aluguel **que havíamos feito.**”
(oração relativa não oblíqua com relativo na função de objeto direto – Entrevista 01)

c) “O trabalhador brasileiro **que ele um dia será.**” (oração relativa não oblíqua com relativo na função de predicativo de sujeito – Crônica 16)

No segundo grupo, que conta com as orações relativas oblíquas, ou também chamadas de orações relativas preposicionadas, o pronome relativo pode exercer a função sintática de objeto indireto, complemento oblíquo, adjunto adverbial, adjunto adnominal, complemento nominal e agente da passiva. Diferentemente do primeiro grupo, nesse segundo há a

possibilidade de uma variação ternária, isto é, entre as variantes *padrão*, não padrão *cortadora* e não padrão *copiadora*. Nos exemplos abaixo, apresentam-se as funções sintáticas desse grupo encontradas no *corpus*.

- (29) a) “Desde o ano passado, presenciamos cenas macabras, **em que políticos promoviam sequências de mortes simbólicas à memória da vereadora.**” (oração relativa oblíqua com relativo na função de adjunto adverbial – Crônica 12)
- b) Não quero nem imaginar o que seria de nós se tivéssemos o jornalismo chapa branca e amestrado **com que** os presidentes populistas sonham.” (oração relativa oblíqua com relativo na função oblíqua - Crônica 32)
- c) “Existe algo ou alguém **a quem você seja grata**, Joana?” (oração relativa oblíqua com relativo função de complemento nominal – Tirinha 350)
- d) “Me lembrei de inúmeras outras múmias que vi em diversos museus ao longo da vida, **cujos pés nunca me chamaram a atenção.**” (oração relativa oblíqua com relativo na função de adjunto adnominal – Crônica 25)

4.3.2 Variáveis independentes

A pesquisa investigou 5 variáveis independentes, 4 linguísticas e 1 extralinguística, para observar como a regra variável (dependente) se comportaria diante de diferentes condicionadores, fatores que afetariam a variação do fenômeno linguístico descrito. O Quadro 1 apresenta esses grupos de fatores e esta seção detalhará cada um deles.

Quadro 1 - Variáveis independentes analisadas

TIPO DE VARIÁVEIS INDEPENDENTES	VARIÁVEIS INDEPENDENTES
EXTRALINGUÍSTICAS	Gênero textual
LINGUÍSTICAS	Tipo de pronome relativo

	Tipo de preposição que rege o pronome relativo
	Função sintática do pronome relativo
	Função sintática do antecedente

Fonte: Elaboração própria.

I. Gênero Textual

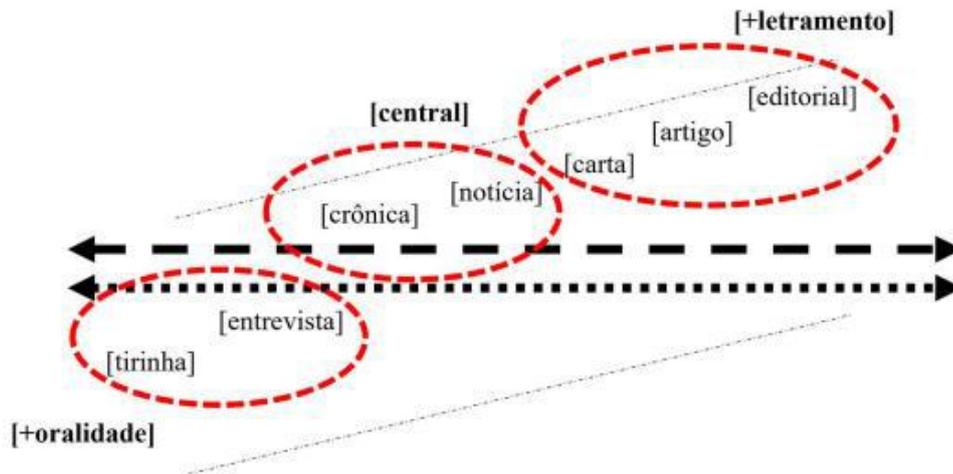
Essa variável independente se destaca devido ao objetivo principal do trabalho de observar o fenômeno no interior do *continuum* de gêneros textuais. Ela representa o único fator condicionante aqui chamado de extralinguístico desta investigação, pois assume-se que os gêneros textuais são textos materializados que possuem função a partir da relação sociocomunicativa que o falante estabelece na sua vida cotidiana (Marcuschi 2005; 2008). Não se ignora, aqui, que cada gênero também tem uma composição estilística própria em sua configuração formal/linguística; entretanto, neste trabalho, a codificação do gênero foi feita a partir da identidade que o próprio jornal deu ao texto, o que fundamentou sua localização no *corpus* organizado por Lima (2022).

A partir da observação dos gêneros editorial, crônica, entrevista e tirinha, pretende-se verificar se haveria diferenças no que se refere aos registros das orações relativas não padrão. A hipótese levantada é que haveria mais registros da relativa não padrão cortadora em gêneros textuais localizados mais em direção ao polo da fala, como as tirinhas e as entrevistas, enquanto os gêneros que costumam se associar a alto monitoramento linguístico, como editoriais, registrariam preferencialmente a relativa padrão. Quanto ao comportamento das crônicas, haveria um registro intermediário, tendo em vista as características de estilo e a função literária desse gênero.

É possível observar a posição de cada gênero textual escolhido no *continuum* proposto por Lima (2022) na Figura 2. Os editoriais representam o grau máximo de letramento e tendo em vista sua suposta monitoração, haveria uma preferência por formas compatíveis com a norma-padrão, aquela usualmente divulgada a partir da norma gramatical, como se observa nos exemplos do *corpus*. Já os demais gêneros textuais se posicionam continuamente, com as tirinhas representando o menor grau de letramento e conseqüentemente o gênero mais compatível com o esperado para a modalidade oral. Dessa forma, presume-se maior quantidade

de formas não padrão nos gêneros textuais que se distanciam do polo de maior letramento, como se observa nos exemplos do *corpus*.

Figura 2: *Continuum* de gêneros jornalísticos com base em Lima (2022)



Fonte: Lima (2022, p. 173)

Exemplos do *corpus*:

Editorial	“Remete à resolução aprovada pelo Diretório Nacional do partido, em 2016, no impeachment de Dilma, em que a legenda faz sugestiva autocrítica. ”
Crônica	“Desde o ano passado, presenciamos cenas macabras, em que políticos promoviam sequências de mortes simbólicas à memória da vereadora ”
Entrevista	“Na casa em que cresci , no Grajaú, havia uma coleção de livros sobre civilizações antigas”
Tirinha	“Se for contar a vez que levei a leelo comigo. ”

II. Tipo de pronome relativo

Essa variável busca lançar luz sobre a diversidade de pronomes relativos que encabeçam as orações relativas e sobre a influência desses articuladores na variação das estratégias de relativização.

A partir de estudos anteriores sobre as estratégias de relativização, como Tarallo (1983) e Correa (1998), tem-se como hipótese uma alta produtividade do pronome relativo “que”, tendo em vista seu valor de relativo universal de acordo com estudos de Castilho (2010), Bagno

(2011) e Bechara (2015 [1999]). Outra hipótese levantada é a presença de um quadro diversificado de articuladores nas estruturas padrão em oposição às estruturas não padrão, que seriam favorecidas pelo uso do “que”. Silva (2011) defende que a estrutura “que + verbo” é favorecida em funções sintáticas preposicionadas tendo em vista a alta frequência das relativas de sujeito e objeto direto.

Exemplos do *corpus*:

pronome relativo “o qual”	“Pode eleger um vice, talvez futuro presidente, sobre o qual se tema menor noção” (Crônica 01)
pronome relativo “as quais”	“Após o arcebispo e ex-núncio Carlo Maria Viganò divulgar uma carta com acusações contra o Pontífice, entre as quais a de ter sido conivente com os casos de abuso sexual.” (Editorial 04)
pronome relativo “a qual”	“Se a União não faz a sua reforma, da qual deve constar alguma obrigatoriedade de estados e municípios se enquadrarem nas regras federais.” (Editorial 09)
advérbio relativo “onde”	“Primeiro por Ronnie Lessa morar na mesma rua onde morava o atual presidente” (Crônica 12)
pronome relativo “cuja”	“Trata-se de um sério retrocesso na globalização, cuja aceleração se deve muito à revolução digital.” (Editorial 15)
pronome relativo “quem”	“Luciano Huck com quem tive que desmarcar duas vezes e foi super compreensivo.” (Entrevista 21)
pronome relativo “que”	“Este figurino seria para uma cena em que o prefeito desfila no bloco das piranhas.” (Tirinha 45)

III. Tipo de preposição que rege o pronome relativo

Essa variável busca verificar as preposições que antecederiam os pronomes articuladores de orações e que seriam exigidas pela regência do verbo presente na oração relativa. Busca-se observar como o comportamento das diferentes preposições afeta a variável dependente investigada, ou seja, se haveria o registro de preposições favorecedoras dos diferentes usos das variantes.

A partir de estudos anteriores sobre a gramaticalização das preposições no âmbito do Português do Brasil (Ilari *et alii*, 2015, p. 183), a hipótese do trabalho é a de que as preposições mais gramaticalizadas, como as preposições “de”, “em” e “com”, favoreceriam o uso das

variantes não padrão, devido a seu esvaziamento semântico e sua alta recorrência no Português do Brasil.

preposição “de”	“O anúncio da renúncia ocorre enquanto transcorre talvez a última eleição para o Parlamento Europeu de que os britânicos participarão.” (Editorial 28)
preposição “com”	“Você é a primeira garota com quem estou falando.” (Tirinha 71)
preposição “em”	“Teve uma época em que as criaturas verdes odiavam as criaturas verde-azuladas.” (tirinha 114)
preposição “entre”	“Entre o ex-titular da Delegacia de Homicídios da Capital enumerou as principais dificuldades para a elucidação do caso, entre os quais a falta de pistas.” (Entrevista 18)
preposição “sobre”	“Pode eleger um vice, talvez futuro presidente, sobre o qual se tem a menor noção.” (Crônica 01)
preposição “a”	“Diria meu pai, a quem eu respeitava profundamente.” (Crônica 16)
preposição “para”	“Em café da manhã, também quinta, com jornalistas, para o qual O GLOBO não foi convidado.” (Editorial 27)

IV. Função sintática do pronome relativo

Essa variável independente permite observar a função sintática do articulador da oração relativa. O pronome relativo pode exercer as funções sintáticas de sujeito, objeto direto, predicativo do sujeito, complemento nominal, adjunto adnominal, adjunto adverbial, objeto indireto, complemento oblíquo e agente da passiva⁹. No entanto, como explicado na subseção anterior, somente as orações relativas oblíquas foram codificadas e tratadas no programa estatístico, tendo em vista a ausência de variação no grupo das orações não oblíquas.

A pesquisa pretende observar se a função sintática do pronome relativo é primordial no comportamento da variável. Santos (2013, p. 74), a partir de resultados de trabalhos anteriores, como Mollica (1977), Tarallo (1983) e Corrêa (1998), estabelece a hipótese de que esse fator seria um dos mais importantes na variação das estratégias de relativização. Outra hipótese seria que as funções em posição argumental, como as funções oblíquas, favoreceriam a ocorrência das estratégias não padrão, enquanto a variante padrão estaria mais associada às funções

⁹ Não foram encontrados dados com a função sintática de agente da passiva.

adjuntivas, pois a preposição marcaria a relação semântica com a predicação, como defende Corrêa (1998, p. 113).

Exemplos do *corpus*:

Sujeito	“Lá nós tem a ufologia, uma ciência que estuda as criaturas mais fofas do universo” (Tirinha 01)
Objeto direto	“Trump defendia o fim do Nafta, o qual classificava como um mau negócio para os americanos” (Editorial 06)
Complemento nominal	“Começar um curso por causa de uma menina que você nem sabe o nome ” ¹⁰ (Tirinha 09)
Adjunto adnominal	“E me lembrei de inúmeras outras múmias que vi em diversos museus ao longo da vida, cujos pés nunca me chamaram a atenção.” (Crônica 24)
Adjunto adverbial	“O grande júri da Pensilvânia aprovou um relatório de 884 páginas das investigações conduzidas pelo procurador-geral Josh Shapiro, em que a cúpula da Igreja é acusada.” (Editorial 04)
Complemento oblíquo	“Não quero nem imaginar o que seria de nós se tivéssemos o jornalismo chapa branca e amestrado com que os presidentes populistas sonham.” (Crônica 32)

V. Função sintática do antecedente

Essa variável diz respeito às funções sintáticas que o termo antecedente, ao qual a oração relativa faz referência, assume na oração principal. As funções podem ser: sujeito, objeto direto, predicativo do sujeito, adjunto adnominal, complemento nominal, adjunto adverbial, objeto indireto, agente da passiva, função oblíqua e aposto¹¹.

A partir dessa variável, a pesquisa pretende observar se a função sintática do termo antecedente interferiria no fenômeno estudado. A hipótese levantada é que o processo de relativização seria favorecido por meio das funções sintáticas de sujeito e objeto direto, por serem mais acessíveis do ponto de vista do processamento. (Keenan; Comrie, 1977 *apud* Castilho, 2010, p. 366-367)

¹⁰ Na realidade, este dado pode ser lido como uma estrutura alternante com “de quem você nem sabe o nome” ou, em outra análise, “cujo nome você nem sabe”.

¹¹ Não foram encontrados dados com as funções sintáticas de objeto indireto e agente da passiva.

Exemplos do *corpus*:

Sujeito	“O seu pronunciamento conciliador, em que a gripezinha foi finalmente reconhecida como o maior desafio da nossa geração, veio tarde demais.” (Crônica 32)
Objeto direto	“Naquele mesmo mês, a Polícia Federal apreendeu, próximo a Niterói, um barco em que estavam escondidos 336 quilos de cocaína” (Editorial 08)
Predicativo do sujeito	“Essa maquiagem é para um episódio em que ela se disfarça de garota de programa para se infiltrar numa festinha organizada. “ (Tirinha 58)
Adjunto Adnominal	“escritor premiado e incensado por livros como Les moins de 16 ans, onde escreve que dormir com uma criança é uma experiência sagrada ” (Crônica 29)
Adjunto adverbial	“É o que tem acontecido nos processos da Lava-Jato, em que pedidos de revisão de penas são normalmente julgados.” (Editorial 33)
Complemento oblíquo	“Peguei um táxi para o outro lado da cidade, onde um quarto sem vista, mas com muito silêncio e ar refrigerado, me esperava, aconchegante.” (Crônica 17)

5. ANÁLISE E SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, serão apresentados os resultados obtidos com a investigação dos dados coletados no *corpus* descrito em seção anterior. Além dos índices quantitativos, serão observados os resultados em termos qualitativos, tendo em vista o perfil das estruturas sob análise. Desse modo, na Subseção 5.1 serão abordados os resultados gerais obtidos quanto à regra variável em análise e a distribuição das orações relativas segundo as variáveis independentes estudadas. Na Subseção 5.2, serão expostos os resultados dos fatores selecionados pelo programa Goldvarb-X como estatisticamente relevantes, enquanto na Subseção 5.3 serão comentados aspectos qualitativos dos fatores não selecionados pelo *software*.

5.1 Panorama geral das estratégias de relativização

No *corpus*, foram encontradas 355 orações relativas distribuídas de acordo com a Tabela 3, sendo 62% das ocorrências das relativas não oblíquas e 38% de relativas oblíquas.

Tabela 3 - Distribuição dos dados nos grupos das relativas oblíquas e não oblíquas

Tipos de relativa	Dados	%
Relativas não oblíquas	220	62%
Relativas oblíquas	135	38%
Total	355	

Fonte: Elaboração própria

Esse resultado da coleta indica maior emprego das orações relativas não oblíquas. A alta produtividade das orações encabeçadas por pronomes relativos de função sintática de sujeito e objeto direto está possivelmente relacionada com a facilidade de processamento, com base na *Hierarquia de acessibilidade dos sintagmas nominais*, de acordo com estudos anteriores de Castilho (2010, p. 366) e Bispo (2009, p. 86).

No que se refere às estratégias de relativização, como não há a ocorrência da variante cortadora no grupo das relativas não oblíquas, os 220 dados foram desconsiderados no que se refere à análise quantitativa da regra variável em função das variáveis independentes. No

entanto, foi realizada uma contagem, no caso das relativas não oblíquas, para se observar a ocorrência da variação entre as estratégias padrão e copiadora.

Na Tabela 4, pode-se perceber, entretanto, que ocorreu resultado categórico para o uso da variante padrão, tendo em vista a ausência de dados da relativa não padrão copiadora.

Tabela 4 - Distribuição das variantes no grupo das relativas não oblíquas

Estratégias	Dados	%
Padrão	220	100%
Copiadora	-	-
Total	220	

Fonte: Elaboração própria

Esse resultado indica um comportamento particular da variante copiadora, já indicado por estudos anteriores sobre as estratégias de relativização. Essa variante, além de não se mostrar quantitativamente produtiva nem na modalidade falada (possivelmente por cumprir papéis funcionais específicos), pode ter seu baixo uso relacionado a uma suposta estigmatização na modalidade escrita, de modo que nem sequer têm registros em textos mais monitorados, principalmente em textos jornalísticos que possuem funções sociais estabelecidas e se vinculam a determinados emissoras, jornais e comunicadores. Esse estigma pode ser assumido a partir do valor social que as formas alternantes assumem (Labov, 2008 [1972]).

No que se refere ao grupo das orações oblíquas, os 135 casos se distribuem de acordo com a Tabela 5, em que houve um registro de 125 orações relativas padrão e 10 orações relativas não padrão cortadora. Vale ressaltar que a variante copiadora não foi encontrada, assim como ocorreu no grupo das orações oblíquas. Esse resultado indica um comportamento binário das estratégias de relativização em textos escritos que fazem uso da norma de prestígio, visto que o fenômeno em contexto de variação, o das relativas oblíquas, é representado por apenas duas formas alternantes, a padrão, a variante preferencial, e a cortadora, bem raramente.

Tabela 5 - Distribuição das variantes no grupo das relativas oblíquas

Estratégias	Dados	%
Padrão	125	92,5%
Cortadora	10	7,5%
Copiadora	-	
Total	135	

Fonte: Elaboração própria

Os resultados da Tabela 5 expõem um caráter variável do fenômeno estudado, com preferência pela variante padrão, visto que há 92,5% da variante padrão e 7,5% da variante cortadora, números que podem ser interpretados a partir da categorização de regras linguísticas feita por Labov (2003, p. 242).

Dessa forma, em termos quantitativos, pode-se considerar, de modo geral, o comportamento da amostra como o de uma regra variável, atuando fatores que condicionariam a ocorrência de uma forma em detrimento da outra. A Seção 5.2 vai explorar as variáveis independentes que foram selecionadas pelo programa Goldvarb-X e que indicaram um favorecimento de uma das formas alternantes.

5.2 Análise das variáveis selecionadas

O programa Goldvarb-X, que permite a análise multivariada, permitiu observar quais variáveis independentes codificadas favoreceriam a ocorrência do valor de aplicação escolhido, a variante cortadora. Para a ocorrência da variante cortadora, foram selecionadas as variáveis expostas no Quadro 2, cuja atuação dos fatores será detalhada na próxima seção:

Quadro 2 - Variáveis independentes selecionadas pelo programa Goldvarb-X

Variáveis selecionadas
Gêneros textuais
Função sintática do pronome relativo
Preposições que regem o pronome relativo

Fonte: Elaboração própria

(i) Gênero textuais

Nessa variável independente, foram verificados quatro gêneros textuais – (i) editorial, (ii) crônica, (iii) entrevista e (iv) tirinha – para observar o uso da oração relativa. Na Tabela 6, pode-se perceber que as tirinhas foram o gênero com o maior favorecimento da variante cortadora (.81), e desse modo, as responsáveis pela maior ocorrência da relativa não padrão cortadora. Em outro extremo, observa-se o comportamento oposto do gênero editorial, com textos que não registraram qualquer ocorrência da relativa não padrão.

Tabela 6 – Efeitos dos gêneros textuais sobre o uso da relativa cortadora

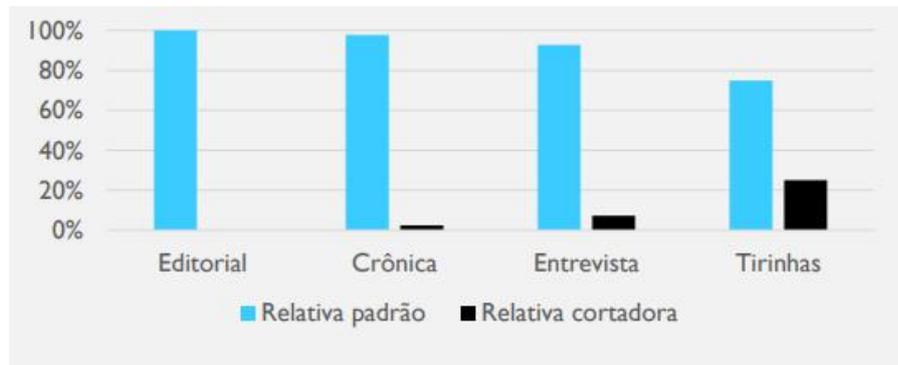
	Valor absoluto/Total	%	P.R
Editorial	0/36	0%	-
Crônica	1/43	2,3%	.27
Entrevista	2/28	7,2%	.49
Tirinha	7/28	25%	.81
Total	10/135		

Fonte: Elaboração própria

Esses resultados evidenciam que o comportamento das estratégias de relativização no gênero editorial é o que mais se aproxima da norma de referência preconizada pelas gramáticas tradicionais. O alto grau de monitoração se reflete em um resultado categórico para a presença da relativa padrão em textos posicionados no polo de maior letramento. A variação, por outro lado, é percebida à medida que se observa o comportamento de gêneros mais ao lado da oralidade, tendo como representante as tirinhas, localizadas no ponto de maior extremo e consequentemente maior contraponto.

Considerando os quatro gêneros controlados, mesmo em se tratando de um conjunto bastante reduzido de ocorrências da variante cortadora, o comportamento do *continuum* de gêneros textuais jornalísticos pode ser observado na Figura 3, em que há a exposição do comportamento das formas alternantes.

Figura 3 – Distribuição das variantes nos gêneros textuais



Fonte: Elaboração própria

Confirmou-se, então, a hipótese de que haveria mais registros da relativa não padrão cortadora em gêneros textuais com direção ao polo da fala, como as tirinhas e as entrevistas, textos que, embora estejam em suportes da modalidade escrita, refletem, em medidas diferentes, a concepção da modalidade oral (Marcuschi, 2001). Os gêneros que costumam se associar ao alto monitoramento linguístico, como editoriais, registram somente a relativa padrão. O gênero crônica, por estar associado a uma maior diversidade de estilos, permite o registro de formas não canônicas; contudo, houve a ocorrência de apenas um dado, o que indica um alto controle das estratégias de relativização.

A seguir, há exemplos de relativas cortadoras em cada gênero textual:

- (30) Crônica – “A primeira vez **que eu ouvi essa história** de que a terra é plana, debatida agora pelas novas autoridades em Brasília, ela me veio pelo telefone e quem a declarava, do outro lado da linha, tonitruante como sempre, era o maluco beleza Tim Maia. (Crônica 23)
- (31) Entrevista – “Já fiquei em situações **que não sei como saí vivo**. (Entrevista 13)
- (32) Tirinha – “O menino **que eu gosto** estava lá. (Tirinha 218)

De todo modo, embora se confirme a hipótese da investigação quanto ao gênero textual, é de fundamental importância a ampliação do número de dados em pesquisas futuras, a fim de se verificar a confirmação desses resultados preliminares.

(ii) Função sintática do pronome relativo

Sobre essa variável independente, foram detalhadas as funções sintáticas do articulador de orações oblíquas, isto é, as funções de complemento nominal, adjunto adnominal, adjunto adverbial, objeto indireto, complemento oblíquo e agente da passiva. Na Tabela 7, podemos identificar aquelas encontradas no *corpus*. Destaca-se a ausência das funções objeto indireto e agente da passiva.

Tabela 7 – Efeitos da função sintática do pronome relativo sobre o uso da relativa cortadora

	Valor absoluto/Total	%	P.R.
Adjunto Adverbial	5/113	4,4%	.40
Complemento Oblíquo	4/21	23,8%	.89
Complemento Nominal	1/1	-	-
Total	10/135	7,4%	-

Fonte: Elaboração própria

Como era esperado, a partir de estudos de Corrêa (1998), as funções sintáticas que estabeleceram uma relação de complementação favoreceram o uso da relativa cortadora, visto que a função de complemento oblíquo registrou o maior favorecimento da variante (.89). A função de adjunto adverbial, embora também apresente ocorrências da relativa não canônica, registrou, comparativamente, menor índice de favorecimento (.40) em seus registros.

Segundo estudos anteriores, a explicação para esse comportamento das funções do relativo se estabelece a partir do conceito de *recuperabilidade da referência* (Corrêa, 1998, p. 113). Os adjuntos adverbiais, por não serem argumentos exigidos pelo verbo, necessitam de elementos que estabeleçam essa relação semântica com a sentença. Desse modo, as preposições seriam fundamentais no encadeamento das orações, de forma que as relativas padrão seriam favorecidas pela função sintática de adjunto adverbial. O registro da variante não canônica, por outro lado, é maior na função sintática de complemento oblíquo. Como são argumentos de verbos, a recuperabilidade da referência é facilitada, sem a necessidade da presença das preposições.

A seguir, há exemplos de relativas cortadoras nas funções sintáticas do pronome relativo ora em debate:

- (33) Adjunto adverbial¹² – “Tem lado **que o policial não entra** porque tem traficante.” (Entrevista 09)
- (34) Complemento oblíquo – “O menino **que eu gosto** estava lá.” (Tirinha 218)
- (35) Complemento nominal – “Você tá insistindo só por que o carinha lá **que você tá a fim** vai estar nessa festa.” (Tirinha 144)

(iii) Preposições que regem o pronome relativo

Nessa variável independente, foram verificadas as preposições exigidas pela regência do verbo principal e sua relação com o favorecimento da variante não padrão cortadora. A Tabela 8 evidencia a relação entre o favorecimento da forma não padrão e a preposição que rege o pronome relativo.

Tabela 8 – Efeitos das preposições sobre o uso da relativa cortadora

	Valor absoluto/Total	%	P.R.
em	6/79	7,5%	.52
de	3/11	2,7%	.36
sobre	1/2	50%	-

Fonte: Elaboração própria

Como era esperado, as preposições mais gramaticalizadas no âmbito do Português do Brasil (Ilari *et alii*, 2015, p. 183), como as preposições “de” e “em”, são as registradas nos dados em que ocorre a variante cortadora, sendo “em” o contexto mais favorecedor (.52), em comparação com “de” (.36). Nesse sentido, Ilari *et alii* (2015, p. 183) distribuem as preposições em um *continuum* de menor gramaticalização, polo representado pela preposição “contra”, até a maior gramaticalização, polo representado pelas preposições “de” e “em”. As preposições mais gramaticalizadas seriam aquelas com valor semântico de menor especificidade/compreensão, aquelas que introduzem tanto argumentos quanto adjuntos e as mais frequentes nos usos dos falantes. Esse comportamento se reflete nos resultados desta

¹² Vale acrescentar que esse dado apresenta uma ambiguidade sintática, visto que o relativo pode ser interpretado como um adjunto adverbial, no sentido do lado em que há traficante, ou como complemento circunstancial no sentido de entrar em algum lugar.

pesquisa, que, embora não permitam observar uma variedade de formas preposicionais, expõem as preposições mais recorrentes nos dados.

Vale destacar a quantidade de ocorrências da preposição “em” no *corpus* descrito. Esse comportamento pode indicar, por hipótese, que essas estruturas “em + pronome relativo” não representem mais efetivas construções relativas e atuem como locuções conjuntivas temporais (*na época que, no tempo que, no momento que, na hora que*, dentre outras), sendo já cristalizadas no uso do Português do Brasil, como detalhou Santos (2013). Destaca-se a necessidade de um estudo específico sobre essas mudanças possíveis no comportamento da preposição “em”.

A seguir, há exemplos de relativas cortadoras com cada preposição ausente:

(36) Ausência da preposição “em”: “mas ele ainda não era esotopus, o sábio na época **que disse isso**. (Tirinha 442)

(37) Ausência da preposição “de”: “O menino **que eu gosto** estava lá.” (Tirinha 218)

5.3 Observações acerca das variáveis não selecionadas

Algumas variáveis independentes não foram selecionadas pelo programa Goldvarb X como relevantes no condicionamento da relativa não padrão cortadora. No entanto, algumas observações quali-quantitativas podem ser feitas e se mostram importantes para a compreensão do fenômeno das estratégias de relativização.

A função sintática do antecedente foi uma variável independente que, para a análise estatística, não foi fundamental para a ocorrência da relativa não canônica. Contudo, destacam-se as funções sintáticas de sujeito e objeto direto como aquelas que mais registraram a ocorrência da forma alternante não padrão. Esse dado reafirma o conceito de “Hierarquia de acessibilidade dos sintagmas nominais à relativização” (Keenan e Comrie, 1977 *apud* Castilho, 2010, p. 366 – 367). Esse conceito explora a facilidade de processamento de informações cuja função seja de sujeito e objeto direto, em oposição a funções mais complexas como a função de complemento oblíquo.

A variável pronome relativo também apresenta um comportamento especial em relação ao registro da relativa cortadora, embora não tenha sido selecionada para a análise multivariada. Como era esperado, ocorreu um resultado categórico para a presença do pronome relativo “que” nos registros da forma não canônica cortadora. Estudos anteriores de Castilho (2010), Bagno

(2011) e Bechara (2015 [1999]) já indicavam esse articulador como um pronome “relativo universal”, visto que esse elemento tem perdido sua função correferencial e seu papel nas orações subordinadas, agindo como um simples conector.

Outra observação interessante diz respeito aos articuladores da forma padrão: destaca-se uma grande variedade de relativos, com a presença até mesmo do pronome “cujo”, articulador que vem desaparecendo do uso cotidiano do falante de acordo com Bagno (2009, p. 85). Castilho (2010, p. 367) considera o uso de “cujo” raro até mesmo para contextos de padrão culto, o que indica o compromisso da escrita jornalística na reprodução de uma norma de referência bastante particular e distanciada do vernáculo brasileiro em alguns gêneros textuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, buscou-se analisar o comportamento das estratégias de relativização em textos escritos da variedade culta brasileira, a partir de um *continuum* de gêneros jornalísticos distribuídos desde um polo de maior oralidade até um polo de maior letramento, de modo a responder:

- (i) Como as estratégias de relativização se comportam em um *continuum* fala-escrita? Ocorre variação em diferentes pontos desse *continuum*?
- (ii) O gênero textual influencia a ocorrência das estratégias?
- (iii) O que o comportamento dos dados sugere sobre a norma-padrão socialmente idealizada para o domínio jornalístico?

Após a análise dos resultados, evidencia-se que, na escrita culta jornalística, o fenômeno é bastante controlado, não confirmando a já conhecida alta propensão ao uso da variante cortadora na fala vernacular brasileira. Em contexto de relativas não oblíquas, verificou-se tão-somente a estratégia padrão; em contexto de relativas oblíquas, embora pouco produtiva, foi possível observar, além do alto emprego da variante padrão, determinadas estruturas com a estratégia cortadora. O não uso da variante copiadora no *corpus* analisado demonstra o caráter específico dessa estratégia, cujo comportamento e funções discursivas merecem, ao que tudo indica, aprofundamento nos estudos linguísticos.

De todo modo, o comportamento das estratégias de relativização quando o pronome assume função preposicionada é compatível com o de uma regra variável (Labov, 2003) binária, com preferência pela variante padrão. Contudo, uma análise qualitativa permite concluir a ausência de variação das estratégias de relativização na porção de maior letramento, já que não houve registro da variante não padrão cortadora nos gêneros alocados nesse extremo do *continuum*.

Os gêneros em que se registra a maior parte das ocorrências da relativa cortadora (tirinhas e entrevistas) se aproximam de características [+orais], com suposta tendência a [-monitoração], enquanto a relativa padrão está quase categoricamente presente em gêneros textuais [+letrados], com tendência a [+monitoração], sendo mesmo categórica, por exemplo, em editoriais. Esse resultado confirma o alto controle no uso das estratégias de relativização na modalidade escrita culta jornalística.

No entanto, a presença da forma não padrão cortadora em determinados contextos sociocomunicativos na modalidade escrita do PB (com o pronome relativo “que” em funções

completivas, sobretudo com verbos que exigem as preposições “de” ou “em”), possibilita debater o perfil da norma-padrão assumida em compêndios gramaticais, que, vista como homogênea e única, não possibilita acomodar variantes legítimas no *continuum* de gêneros de expressão de norma culta. Assim, é fundamental que se amplie a discussão sobre a variação linguística nas normas de prestígio, destacando o papel dos contextos sociocomunicativos no uso de fenômenos morfossintáticos.

Na análise dos resultados, interessa o reconhecimento da impossibilidade de uma norma-padrão única, tendo em vista que os usos são heterogêneos e permitem a flexibilização. Os estudos dos fenômenos morfossintáticos expõem o caráter variável da chamada norma culta, o que permite o debate sobre a necessidade de uma norma de referência que acomode flexibilidade e pluralidade, a partir dos contextos sociocomunicativos e dos gêneros textuais envolvidos (Vieira, 2019b, 2020b; Vieira; Lima, 2019). As orientações normativas, fundamentais em determinados contextos, podem acomodar a variação (cf. Vieira, 2019b). Afinal, como o próprio termo “referência” sugere, assume-se que para cada contexto específico haveria um modelo referencial a se seguir, de modo que o falante pudesse ter domínio dessa variabilidade e a usasse até mesmo intencionalmente nas diferentes situações comunicativas.

O estudo evidencia a importância dos estudos de diferentes fenômenos linguísticos do português brasileiro em suas diversas modalidades e normas. Para as estratégias de relativização, torna-se necessária a continuidade da pesquisa em outros gêneros textuais que compõem o *continuum* oralidade-letramento. Além de retomar determinados dados que, por decisões metodológicas, foram excluídos neste estudo. Com base na expansão da pesquisa, espera-se ser possível estabelecer os contextos sociocomunicativos que afetam o uso em diversas instâncias das variedades cultas do português brasileiro, de modo a oferecer mais evidências empíricas para o debate acerca da postulação de orientações normativas plurais para a escrita brasileira, conforme tem proposto o Projeto *Pró-norma plural*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. *A norma oculta*. Língua & poder na Sociedade Brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 898-927.

_____. *Português ou brasileiro?* Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2001.

- _____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 52. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: ed. Nacional, 2005 [1999].
- BLAZOLLI, C. C. *Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2016.
- BIBER, D.; CONRAD, S. Written registers, genres, and styles. In: BIBER, D.; CONRAD, S. *Register, genre and style*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 109-142.
- BISPO, E. B. *Estratégias de relativização no português brasileiro e implicações para o ensino: o caso das cortadoras*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. Um modelo para a análise sociolinguística do português brasileiro. In: _____ *Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e Educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 39-52.
- CASTILHO, A. T. de. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto: 2010.
- CORREIA, V. R. *Oração relativa: O que se fala e o que se aprende no português do Brasil*. 1998. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998.
- CUNHA C.; CINTRA. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013 [1985].
- FARACO, C. A. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2012 [2002], p. 35-56.
- FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.
- FARACO, C. A. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (Orgs.). *Pedagogia da variação linguística: língua e diversidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 19-30.
- FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. S. *Para conhecer norma linguística*. São Paulo: Contexto, 2017.
- GOUVÊA, Lúcia Helena Martins. Construções relativas na escrita padrão. In: Anais do VIII Congresso da ASSEL-Rio. Estudos da linguagem: renovação e síntese. Rio de Janeiro: ASSEL-Rio, 1999.
- ILARI, R. et al. A preposição. In: ILARI, R. (org.) *Gramática do português culto falado no Brasil: volume IV: palavras de classe fechada*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 163-310.
- KEENAN, E.; COMRIE, B. Noun Phrase Accessibility and Universal Grammar. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 8, n. 1, p. 63-99, 1977.

- LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C.; TUCKER, R. *Sociolinguistics. The essential readings*. New York: Blackwell, 2003. p. 234-250.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcus Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LIMA, M. D. A. de O. *Continuum de gêneros textuais jornalísticos para a descrição de norma(s) culta(s): o acusativo anafórico de terceira pessoa e a ordem dos clíticos pronominais*. 2022. Tese: (Doutorado em Letras). - Faculdade de letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.
- LIMA, M. D. A. de O.; VIEIRA, S. R. Para uma abordagem da norma no *continuum* fala-escrita. In: VIEIRA, S. R.; LIMA, M. D. A. de O. (Org.). *Variação, gêneros textuais e ensino de Português: da norma culta à norma-padrão*. Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2019. p. 8-16.
- LOBO, T.; LUCCHESI, D. Gramática e ideologia. *Sitientibus*, Feira de Santana, n. 5/8, p. 73-81, 1988.
- LUCCHESI, D. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.
- LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2012 [2002]. p. 57-84.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 15-44.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MATEUS, M. H. M. *et alii. Gramática do Português*. Lisboa: ed. Caminho, 2003.
- MOLLICA, M. C. *Estudo da cópia nas construções relativas em português*. 1977. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1977.
- ROCHA LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2021 [1972].
- SANTOS, J. d. C. *O comportamento das estratégias de relativização na escrita culta jornalística brasileira*. 2015. Tese (Mestrado em Letras). – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- SILVA, B. G. S. G. *As estratégias de relativização na escrita de portugueses dos séculos XVI, XVII e XVIII*. 2011. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- TARALLO, F. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. University of Pennsylvania, 1983 (Phd Dissertation).
- VIEIRA, F. E.; FARACO, C. A. *Escrever na universidade: gramática da norma de referência*. São Paulo, Parábola, 2022.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. Para uma norma-padrão flexível no contexto escolar: Contribuições dos estudos sociolinguísticos. In: MACHADO-VIEIRA; M. dos S.; WIEDEMER, M. L. (Orgs.). *Dimensões e Experiências em Sociolinguística*. São Paulo: Editora Blucher, 2019b. p. 243-264.

VIEIRA, S. R. Contribuições dos estudos de fenômenos variáveis em continuum de gêneros textuais: para uma pedagogia da variação linguística. In: VIEIRA, S. R.; LIMA, M. D. A. de O. (Orgs.). *Variação, gêneros textuais e ensino de Português: da norma culta à norma-padrão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2019a.

VIEIRA, S. R. *A unidade e a diversidade no ensino de Língua Portuguesa*. Tabuleiro de Letras, v. 12, n. 3, p. 22-34, 2018.

VIEIRA, S. R. *Ensino de português e o contínuo fala-escrita: o caso das estratégias de relativização*. Revista PerCursos, Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 08-35, maio/ago, 2017.

VIEIRA, S. R.; LIMA, M. D. A. de O. (Orgs.). *Variação, gêneros textuais e ensino de Português: da norma culta à norma-padrão*. Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2019.

VIEIRA, S. R. Por uma norma de referência plural no ensino: limites e possibilidades de padronização para os gêneros textuais da escrita brasileira. In: *Anais do XXXV ENANPOLL*, online, 2020b.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In LEHMANN, W. P. & MALKYED, M. (Orgs.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.